NOTA INTRODUTÓRIA

Muitos interrogar-se-ão sobre as razões que levaram o CEPCEP a dedicar um número temático da Revista Povos e Culturas *ao tema* ***Reflexos do Maio de '68 na Sociedade Portuguesa****.*

Trata-se de uma pergunta legítima que merece uma resposta breve e clara.

Procuraremos dá-la nos parágrafos seguintes.

Olhando retrospectivamente, e buscando um acontecimento que há quatro décadas terá influenciado decisivamente as instituições e os valores da sociedade portuguesa, será difícil encontrar um evento que rivalize com o Maio de '68 nos seus indiscutíveis impactos. Decorridos 40 anos sobre o «tsunami» que varreu a França, e que teve um efeito de contágio «viral» por toda a Europa, não se descortina nos países vizinhos do nosso outro fenómeno que se aproxime do Maio '68 nas suas dimensões de revolução social, cultural, educativa e geracional e cujas marcas perduram até hoje em muitas instituições basilares da nossa sociedade com relevo para a Universidade. A Universidade francesa, pulverizada e fragmentada, é ainda actualmente, na sua estrutura e desenho organizacional, a herdeira directa da reforma Faure que nos anos 70 foi inexoravelmente determinada pelo propósito de prevenir uma nova eclosão social com a intensidade e extensão do Maio de '68.

Por outro lado, a verdade é que, por estranho que pareça, não têm sido férteis os olhares académicos sobre um acontecimento de

tão vastas repercussões, apesar da sua relevância e da sua influência no espaço e no tempo. Povos e Culturas *pretende contribuir para a superação desse défice analítico proporcionando uma abordagem independente, multidisciplinar e plural de um fenómeno social cuja complexidade nunca será demais enfatizar. A circunstância de terem passado quatro décadas permite a postura distanciada, repousada e imparcial que só o decurso do tempo propicia.*

Acresce que o fosso intergeracional não cessou de crescer ao longo desse tempo. Hoje a vertigem tecnológica, a força dos media*, a globalização de ideias e de modas, o mito da juventude, levaram ao envelhecimento «precoce» da humanidade e à sucessão cada vez mais rápida de culturas geracionais. Ainda deste ponto de vista é interessante perceber o que a geração actual dos 60 anos protagonizou nos seus 20 anos de idade para que o bisturi da análise diacrónica ajude a melhor perceber os ritmos de continuidade e mudança, de permanência e renovação, que desde sempre constituiram o mistério da condição humana e das suas dinâmicas comunitárias.*

Finalmente, se outra razão não existisse, seria também oportuno abordar o Maio de '68 na perspectiva do encontro de culturas e do confronto de azimutes. Efectivamente, tendo surgido ao início como fenómeno tipicamente francês, a revolução do Quartier Latin *de Paris não deixou de se inscrever no* ar do tempo*, naquilo que aquela releva de integração numa situação contextual típica de um mundo em convulsão com expressões tão marcadamente contrastantes como os* hippies *de S. Francisco, os violentos protestos de rua contra a guerra do Vietnam, o emblemático festival Woodstock ou a emergência dos Beatles na cena da renovação musical. O CEPCEP que, por vocação e genética, nasceu há um quarto de século com o mandato de reflectir em permanência sobre a fecundidade do encontro de povos e de culturas, não poderia, pois, deixar de celebrar o seu aniversário deixando «passar em claro» aquilo que genuinamente se pode classificar como o choque de culturas marcante de toda a década de '60.*

Dada a explicação impõe-se agora passar aos agradecimentos.

Uma palavra muito sentida de reconhecimento é, em primeiro lugar, devida aos distintos autores dos ensaios originais que compõem o núcleo duro do presente número temático. José Barata-Moura, António Coimbra Martins, Luís Salgado de Matos, Adriano Moreira, Isabel do Carmo, Jorge Paulo Cancela da Fonseca e Jaime Nogueira Pinto, são um elenco de luxo cuja reunião muito nos honra e que nos transforma em devedores profundos perante as generosas e competentes contribuições que esses articulistas produziram correspondendo, assim, ao nosso convite.

Em seguida, uma outra palavra de gratidão é dirigida a D. Eurico Dias Nogueira, José Veiga Simão, Justino Mendes de Almeida, Maria Manuela Aguiar e Nadir Afonso, por se terem disponibilizado gentilmente à elaboração de depoimentos ou a serem entrevistados expressamente para o número temático da Povos e Culturas em apreço.

Também Mário F. Lages e Ana Maria Costa Lopes honram-nos com a publicação de inéditos seus que muito enriquecem a textura e o conteúdo da Revista.

Por último, last but not least*, desejo dirigir um reconhecimento público aos dois editores de Povos e Culturas, Mário Lages e Artur Teodoro de Matos, dedicados colegas que, desde há anos a esta parte, conduzem com inexcedível dedicação a generosa tarefa de garantir a publicação da Revista. Permitam-me que lhes testemunhe, na ocasião, um particular aceno de admiração pela forma exemplar como coordenaram e tornaram possível a produção do número temático agora concluído sobre o Maio de '68 e os seus reflexos sobre a Sociedade Portuguesa.*

Bem hajam!

Lisboa, 31 de Março de 2008

ROBERTO CARNEIRO

Presidente da Direcção do CEPCEP